

ENTREVISTA COM GEORGE LAYSSON*

por Angela de Castro Reis¹

RESUMO: Entrevista realizada em 1989 com George Laysson, instrutor da Escola Nacional de Circo (RJ), na qual o domador discorre sobre sua história de vida e sua experiência profissional. Além da análise de diferentes modalidades de treinamento, destaca-se o profundo conhecimento de Laysson sobre psicologia animal.

Palavras-chave: circo – domador – animais no circo

ABSTRACT: Interview conducted in 1989 with George Laysson, instructor at the Escola Nacional de Circo (National Circus School), in Rio de Janeiro, where the tamer discusses his life story and his professional experience. Besides the analysis of different training modalities, it is emphasized the profound knowledge of Laysson about animal psychology.

Keywords: circus – tamer – animals in circus

Introdução

A entrevista que se segue tem origem na então Fundacen², no segundo semestre de 1989. Nesta época, iniciou-se na instituição a implantação de um Setor de História Oral, a fim de adotar métodos e critérios, bem como linhas de pesquisa, para a realização de entrevistas, feitas até então de modo pulverizado e indiscriminado. Assim, apesar do acervo contar com alguns registros de grande importância histórica, a impossibilidade de agrupar os depoimentos em conjuntos temáticos, diminuía seu valor documental.

A primeira linha de pesquisa desenvolvida foi *Memória do circo no Brasil*, com depoimentos dos instrutores da ENC - Escola Nacional de Circo, pertencente à Fundacen. As entrevistas foram iniciadas em outubro de 1989 e se estenderam até fevereiro de 1990, sendo entrevistados neste período 14 instrutores e 3 monitores da ENC, num total de 30 horas de gravação.

Pretendeu-se fazer as entrevistas dentro de uma metodologia rigorosa, segundo o modelo fornecido pelo CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas: inicialmente focar a história de vida de cada depoente, para em seguida analisar sua relação com a ENC, única no gênero na América Latina.

Alguns fatores, no entanto, impediram a perfeita consecução deste objetivo. Em primeiro lugar, a escassez de material que existia sobre o assunto “circo” (origem, aliás, do projeto), que dificultou a pesquisa preliminar aos depoimentos – etapa fundamental neste tipo de trabalho – e, conseqüentemente, o aprofundamento de alguns temas, em especial nas primeiras entrevistas. Também não foi possível ter dois entrevistadores – número recomendado pelo CPDOC, para agilizar e otimizar o trabalho – nem condições técnicas favoráveis: as entrevistas foram realizadas na própria ENC, cercada por todo o barulho da Praça da Bandeira, e com um equipamento muito precário – apenas um pequeno gravador manual. E, finalmente, a eventual pouca disponibilidade de tempo dos instrutores, que ocasionou a interrupção de algumas entrevistas, retomadas somente após longos intervalos.

No entanto, apesar destes percalços, o material reunido constituiu uma fonte de inestimável valor para o estudo do circo no Brasil. As entrevistas – algumas das quais temperadas com um incrível humor e senso de observação da vida – falam sobre algumas das mais tradicionais famílias circenses do país, nos remetendo às suas origens; revelam os meandros da estrutura, da hierarquia e do funcionamento da vida circense; explicam,

* Realizada em 29/11/1989, na Escola Nacional de Circo, no Rio de Janeiro.

¹ Doutora em Teatro – UNIRIO. Professora Adjunta do Departamento de Fundamentos do Teatro da Escola de Teatro da UFBA.

² Fundação Nacional de Artes Cênicas.



em detalhes, os métodos de aprendizado – antigos e atuais –, a escolha dos roteiros de viagens e as diferenças entre as inúmeras modalidades artísticas apresentadas nos espetáculos; relatam as características de um importante gênero quase desaparecido das artes cênicas, o circo-teatro; e mostram, de modo muito contundente, o cotidiano e os contrastes de uma profissão que mistura rigor e magia, vida e palco.

Convidada a participar deste número da *Repertório*, decidi retomar este material, tesouro conservado de meu tempo na Funarte – Fundação Nacional das Artes³. Diante da impossibilidade de publicar todas as entrevistas, precisei escolher apenas uma entre o conjunto de 17 depoimentos tomados então. A escolha recaiu naturalmente sobre George Laysson, domador alemão, cuja entrevista tinha sido a mais longa e certamente a que mais fascínio me provocara. Desde o primeiro dia em que estive na Escola de Circo e em que o então diretor, Luis Olimecha, reuniu a equipe e me apresentou como a pesquisadora que fazia entrevistas com todos, nasceu entre nós uma relação muito agradável e amistosa. O prazer de conversar, aliado à sua desenvoltura verbal e nível cultural, contribuiu para que seu depoimento transcorresse com muita fluidez e se transformasse em um documento ímpar, no qual um grande volume de informações sobre a vida no circo é apresentado com desembaraço e muito senso de humor.

Tendo em vista os limites necessários para a editoração da revista, foi preciso editar drasticamente a entrevista (realizada em 29 e 30 de novembro de 1989). Desse modo, escolhi desprezar a segunda parte da mesma, em que Laysson discorria sobre sua experiência como professor na Escola Nacional de Circo, aproveitando majoritariamente a primeira parte de seu depoimento, relativa a nosso primeiro encontro. Neste, a ênfase recai sobre aspectos de sua história de vida e sua experiência profissional como domador, em que se destaca um profundo conhecimento de psicologia animal. Em um momento em que a presença de animais nos circos causa tanta polêmica, me parece que seu depoimento traz grandes contribuições ao debate, e principalmente revela a visão dos circenses sobre o assunto, o que nem sempre é considerado.

³ Estagiária na Divisão de Pesquisa, entre 1983 e 1985, fui contratada como pesquisadora em 1988, sendo demitida pela reforma administrativa do Governo Collor em 1990. Em 1994 fui “anistiada”, voltando aos quadros da instituição até 1996, quando pedi exoneração. Neste ano, quando aventou-se a possibilidade de publicar algumas das entrevistas, preparei três delas (com os instrutores Laysson, Galba e Ozon) com esta finalidade; o projeto, no entanto, não se realizou. Todo o material produzido encontra-se disponível no acervo da Funarte, que autorizou a divulgação do depoimento agora publicado.

Embora o texto transcrito⁴ não transmita realmente o que foram nossas conversas (pois é impossível reproduzir graficamente a forma de olhar, as entonações da voz, os gestos, as expressões faciais, a intensidade dos risos), ainda assim se pode vislumbrar um pouco da rica experiência humana que é uma entrevista, e em particular a personalidade fascinante de George Laysson. Mais do que informações, o que ficou registrado foram vivências e experiências de uma vida muito intensa; o resultado é um caloroso e humano painel do circo no Brasil, descrito detalhadamente por um de seus protagonistas.

Entrevista:

ANGELA – George Laysson, eu queria que você me dissesse onde e quando você nasceu.

LAYSSON – Eu nasci em 28 de janeiro de 1917, em Essen, na Alemanha. Meu pai tinha circo, minha mãe era de procedência cigana e portanto fui criado naquele regime cigano. Naqueles anos, virada do século, o regime era ainda meio rígido: com 5 anos já tinha que trabalhar, já tinha que ganhar a vida para ajudar a família. (...)

Naquela época trabalhei com animais em circo mesmo, nos espetáculos; com 5 anos trabalhei com focas. Com 12 saltei com cavalos, fazendo acrobacias; com 14 entrei nas jaulas. Aquela era época do domador de bigodão, de revólver na cintura, de cadeira na mão; de assustar os animais de tal forma que eles ficavam correndo pelas grades, subindo nas grades e tudo. Isso era o normal. Então, como eu tinha um pouco de medo desses animais, que eram muito mais pesados e maiores do que eu, inventei um trabalho mais suave. Trabalhei várias vezes sem chicote, sem nada na mão, só com uma flor na lapela, que eu tirava para bater no focinho do animal quando ele roncava comigo. Inventei então essa novidade de trabalhar sem revólver e sem cadeira. (...)

ANGELA – Em que seu pai trabalhava no circo? O que seus pais faziam?

LAYSSON – Em primeiro lugar, ele era o administrador geral, como dono do circo. Depois ele trabalhava com elefantes, leões, tigres, ursos e cavalos: a especialidade dele era domador.

ANGELA – E sua mãe?

⁴ O texto foi copidescado, uma vez que a linguagem falada é repleta de cacoeças (como repetições) ou mesmo incorreções que tornariam a leitura difícil ou maçante. Apesar dos cortes e pequenas modificações, procurou-se manter características fundamentais, como a relativa ao sotaque estrangeiro de Laysson, bem como certas peculiaridades de linguagem, fundamentais para a percepção das particularidades do depoente.



LAYSSON – A minha mãe fazia arame alto. Ela tinha uns sobrinhos que trabalhavam fazendo arame alto, uma família bem antiga chamada Vallenda. Eles formaram um grupo mais tarde chamado “Os Flying Vallendas”. Antes da guerra, eles foram para os Estados Unidos, perto de Nova York, esticaram um cabo de aço por cima das Cataratas do Niágara, e andaram por cima do cabo de aço. (...)

ANGELA – Você é filho único?

LAYSSON – Sou filho único, sim.

ANGELA – Você começou então pequeno – com 5 anos, como você disse – o trabalho com os animais.

LAYSSON – Desde os 5 anos. Os animais com os quais eu trabalhei primeiro foram cinco focas, que pertenciam a uma tia. Essa tia ficou muito gorda; ela tinha na época mais ou menos uns 50 anos, era solteirona e meu pai não a queria mais no picadeiro. Ele dizia que estava num circo moderno, que não mostrava mais a mulher gorda e a mulher barbada: *[imitando a voz do pai]* “Agora é mais moderno, isso”. Ele queria moças bonitas no picadeiro; os homens também tinham que ser jovens e bonitos, com cabelos bem cortados e barba bem feita. Assim ele decidiu substituir a velha gorda por seu filho, que agradaria muito mais: um garotinho no meio dos animais, e eles obedecendo, agrada muito mais. Só que no primeiro dia eu fui julgado: “Jamais vai ser um artista”, foi o que ele falou.

ANGELA – Por quê?

LAYSSON – Eu aprendi que teria de dar dez passos até o centro do picadeiro, cumprimentar o público, colocar os animais no lugar; depois começar o primeiro truque, o segundo truque, e assim por diante. Isso foi o que futucaram para dentro da minha cabeça. Por outro lado, minha mãe fez a minha primeira calça comprida, branca, e um paletó também branco, cheio de fitas e botões de ouro; uma roupa de oficial da Marinha, com chapéu de Marinha, tudo branco. Então ela me futucou a segunda coisa: “jamais suja esta roupa”.

Eu entrei no picadeiro mais preocupado com a roupa do que com o público ou com os dez passos que teria de dar. Mas a foca é um animal que só trabalha sendo recompensada na hora. Quando a gente joga uma bola para uma foca, ela a apanha com a ponta do nariz, equilibra, e num certo comando joga a bola de volta. A foca joga de volta e espera que a gente jogue um pedaço de peixe no mesmo instante, senão, abaixa a cabeça e não a levanta mais para equilibrar nada. Eu tinha um baldezinho na mão cheio de pedaços de peixe para entrar no picadeiro. Essas focas muito antigas e muito sabidas vão passar esse garoto para trás, não? Entrando no picadeiro, elas me deram uma focinhada atrás do joelho e eu caí de frente, sujando minha roupa.

O balde saiu da minha mão, o peixe se espalhou pelo picadeiro inteiro; as focas, com aquele barulho típico delas, “AU AU AU”, apanharam tudo quanto é peixe e acabou o número. Meu pai apitou, me mandou para fora, o próximo número entrou; alisou seu bigodão e disse: “Esse cara jamais vai ser artista, vai estudar”.

“Vai estudar” porque ninguém sabia escrever e ler mais do que o próprio nome. Eu tinha que aprender uma profissão. Como nós tínhamos muitos animais, geralmente entre 12 e 15 elefantes, entre 60 e 80 cavalos, entre 30 e 35 feras no circo, usávamos muito, naturalmente, serviços veterinários. Quando era preciso, chamávamos o veterinário da cidade onde estávamos no momento. Ele vinha, olhava um leão doente, de longe, do lado de fora da jaula, escrevia a receita, cobrava e ia embora. Meu pai disse: “O cara vem aqui, olha os animais de graça (porque nós cobramos entrada para ver os animais durante o dia; esse cara olha os animais de graça), fica longe deles; escreve a receita num papel. Mas quem tem que comprar remédio sou eu, com o meu dinheiro; quem tem que aplicar uma injeção num leão sou eu, ele não faz. Ele ganha dinheiro só para escrever num papel. Essa é demais! Quer dizer, ele não trabalha para ganhar seu sustento! Então meu filho vai ser veterinário”. De forma que, quando eu estava nos primeiros meses de faculdade, um artista passou mancando pelo terreno do circo e meu pai perguntou a ele: “O que é que você tem?” “Ai, torci o pé ontem à noite no salto”. “Fala com meu filho, ele é médico”. Seis meses, eu não tinha nem seis meses de escola veterinária! Aí se vê mais ou menos como o velho era, o que é que ele fazia. (...)

ANGELA – Quantas pessoas havia no circo da sua família?

LAYSSON – Bom, o programa era feito pela família: geralmente primos, tias e tios meus. Contratados mesmo, de fora, três a cinco números todo ano, sendo um número de trapézio volante, um outro número qualquer na altura do circo. Isto era o chamariz do circo: “Nós temos esse grande número de arriscar o pescoço”. Naquela época se arriscava mesmo – o público queria ver o artista quebrar o pescoço, por isso que ele ia ao circo. Depois, um bom número de palhaço, especialmente palhaços musicais, que geralmente vêm da Itália. Lá tem grandes números; os italianos sempre foram os melhores palhaços musicais, estando em segundo plano os franceses e só em terceiro os alemães – alemão era sempre bom em treinar animais. Já os aramistas são sempre sul-americanos. Eles arriscam mesmo e são bons em arame alto. E assim cada país tem sua especialidade e seus artistas especializados, que mandam para fora.



No nosso circo havia – durante vários anos – um grande número de japoneses: 14 pessoas fazendo malabarismo com louça chinesa. Um ficava lá em cima, no alto e girava só pendurado nos cabelos, fazendo malabarismo com louça, girando os pratos em cima de um pauzinho. Havia também muita acrobacia, pirâmides de 14 pessoas: um subia em cima do outro, cinco, seis de altura; de repente desmoronava tudo, todo mundo caía em saltinhos no chão, com gritaria e tudo. Essas eram as atrações que todo ano nós contratávamos.

Além disso, contratávamos também mais uns dois ou três números para aumentar o programa, que na Alemanha é de duas horas e meia. São 40 minutos de intervalo, durante o qual se cobra mais uma vez um pouco de dinheiro. Quem quer sair para fumar (é absolutamente proibido fumar dentro do circo) sai pela frente, onde nós temos um bar com tudo que a pessoa deseja (pipoca para as crianças, amendoim, sorvete, maçã do amor, algodão-doce): quer dizer, o pai vai gastar. Quem quer sair pelos fundos para ver os animais tem que pagar e quem quer sair pelos lados para ir ao banheiro paga dentro do banheiro. De qualquer maneira se arruma os *dubbeltjes* e *quartjes*, como se diz em holandês, que são essas moedazinhas de prata.

ANGELA – O seu circo viajava muito?

LAYSSON – Nós viajamos muito pela Alemanha até os anos 30. Quando, em 1929, houve aquele grande recesso de dinheiro nos Estados Unidos, meu pai, no ano seguinte, fechou o circo, pegou só os animais e a família e se contratou por um circo estadual da Rússia. Passamos dois anos viajando pela Rússia, voltando pela Polônia, pelos países do Balcãs, Romênia, Iugoslávia, Tchecoslováquia, para a Alemanha. E aí nós armamos nosso circo na Alemanha novamente, porque nessa época melhorou o aspecto financeiro do público e pudemos recomeçar com nosso circo. Nos verões eu trabalhava com meu pai dentro da Alemanha. No inverno eu era trocado. Era muito comum, entre circos que se conheciam, trocar números no inverno. Aquele grande circo fixo de Paris, Cirque D’Hiver, dá espetáculos durante o inverno. Então troca-se. O Buglione, por exemplo, que tem um número de 15 tigres, troca aquele número de 15 tigres por um número de 15 leões. Então, eu ia lá – eu não tinha esse número, estou dizendo isso só como um exemplo – para trabalhar com leões, ao invés dos tigres deles que já eram conhecidos.

Dessa forma, eu, já garotão, trabalhei muito no estrangeiro e com outros circos. Quando se vê no meu currículo um monte de nomes de circos, em cada um eu fiquei talvez só um mês, às vezes 15 dias. Você vê aqui [*mostrando o currículo*] o nome de dois irmãos: Max e Willy Holzmüller. No Max eu fiz 15 dias em Augsburg,

depois mais 15 dias no Willy, em Nuremberg, com números de animais que eram do meu pai, em troca de animais deles que já estavam conhecidos lá, mas no circo do meu pai eram novidade. Além disso, o treinamento de tudo quanto é animal é feito no inverno, porque no verão já saem novos números para o público assistir.

ANGELA – Após essa sua experiência inicial com as focas [*risos*], como foi seu trabalho com os animais?

LAYSSON – Bom, no dia seguinte eu tomei mais precauções. Me atrevi também a pegar minha varinha e dar uma no focinho do mais espertinho; dali em diante fui impondo mais respeito pros animais e criando mais audácia. Com 12 anos entrei pela primeira vez numa jaula. Meu pai estava lá dentro: escondeu os fósforos no bolso, me mandou trazer outra caixa de fósforos, entrar na jaula e acender o cigarro dele. Ele ficou numa posição que me obrigou a ficar de costas para todos os animais, porque queria ver se a minha mão tremia ao acender o cigarro dele. Como não tremia, ele começou a me treinar. Com 13 anos eu ganhei um professor chamado Silvester Kantor – Silver Kantor nos espetáculos. Era russo, treinador de leões – especializado em leões, tigres e ursos. Ele ficou contratado um ano no nosso circo, com a segunda intenção de me treinar fora dos espetáculos e ganhou muito bem para isso. Além de trabalhar com os animais já treinados, teve que treinar a mim para ser um domador, porque o que meu pai sabia eu já tinha aprendido. Meu pai queria que eu treinasse com outro mestre, a fim de aprender mais alguma coisa ou talvez coisas diferentes, que ele não sabia ou não podia me dar.

ANGELA – Como foi o treinamento com seu pai, até você ter esse novo mestre?

LAYSSON – No treinamento com meu pai eu nunca fiz nada direito. Ele dizia que eu fazia tudo errado – “Nunca vai ser domador” –, me colocando sempre embaixo do chinelo dele. Eu não podia desenvolver minha própria arte, porque ele jamais deixava eu experimentar minhas idéias sobre truques que se pode fazer com um animal. Com Silver Kantor foi diferente. Ele era um homem forte e alto, eu sou franzino; ele já olhava de cima para mim, mostrando que era um grande mestre e eu um pupilo que tinha muito para aprender. Aprendi realmente, roubei muito com os olhos – que é um hábito meu desde criança, observar os outros bem de perto e roubar muito com os olhos –, inclusive o manejo de chicotes. Esse manejo no trabalho com cavalos eu roubei de um que para mim, e para muita gente, é o grande mestre: Albert Schuman. Albert Schuman foi o melhor. Ele tinha um manejo de chicote que parecia que estava de fraque, gravata borboleta e luvas brancas, dirigindo uma orquestra sinfônica. Ele usava dois chi-



cotes, na mão esquerda e na mão direita, na frente dos cavalos. Jamais batia com os chicotes, só estalava por perto: às vezes ameaçando, às vezes só para dar o comando, às vezes só para dar uma ajuda ao cavalo – para ele se lembrar o que tinha que fazer. Mas nunca bateu num animal. E usava o chicote com uma elegância, era tão elegante, que eu quis roubar isso tudo dele. Eu acredito que o meu manejo, no percorrer dos anos, ficou do mesmo jeito que o dele.

ANGELA – O chicote mostra ao animal o que ele deve fazer através do toque ou só através do movimento?

LAYSSON – Só através do movimento, em geral. Às vezes é necessário usar um leve toque, para chamar a atenção do animal quando ele quer se sobressair dos outros e não pode, não deve. Então a gente coloca ele no lugar com uma chicotada – sempre de leve. Em cavalo nunca, jamais, se bate com chicote fortemente. Só de leve e mesmo assim de vez em quando, quando é absolutamente necessário. Fora disso, são só os comandos da voz, reforçados com um manejo de chicote, que indicam para o animal o que a gente quer fazer. Quer ir para o lado direito, vira o chicote para o lado esquerdo e o animal passa por aquele pau comprido branco como se fosse um corrimão e anda para o outro lado. Levantando o chicote, o cavalo levanta nas duas patas. A ponta do chicote bem perto do focinho faz o cavalo levantar bem a cabeça, de forma que tem que encolher as patas dianteiras para ficar bem reto em pé. Esses são sinais de animais que se usa fazer com chicote.

Às vezes em feras é necessário bater. As feras sempre testam a pessoa, para ver até que ponto elas podem fazer as brincadeiras delas sem que o dono da jaula, que é o domador, reaja. Se o animal consegue descer de um banco sem ser chamado e o dono da jaula não faz nada, da próxima vez ele vai descer direto, nem vai subir. Ele pode fazer, não está demonstrado? Então cabe a mim, quando eu vejo ele fazer menção de descer, já dar uma chicotada de leve no focinho, chamando a atenção: “Não desce, senão você apanha”. E se ele desce assim mesmo, cabeçudo, então leva uma chicotada forte para subir de novo, porque “quem manda aqui sou eu”.

ANGELA – Isso em relação a leões e tigres; ursos também?

LAYSSON – Ursos do mesmo jeito. Agora, o tigre é um animal completamente diferente do leão, como o urso também é completamente diferente do tigre.

ANGELA – Quais são as diferenças entre eles?

LAYSSON – As diferenças são as seguintes. A maneira de atacar de um tigre: o tigre senta no seu banquinho e observa a pessoa; de repente, a pupila do olho dele se abre e fecha de novo, de modo rápido e curto –

como uma câmera fotográfica, que abre a lente quando é mais escuro e fecha quando fica muita luz. Então, ele faz isso: abre e fecha a pupila, rapidinho, para medir a distância do salto que vai fazer. Só então ele vai esticar os músculos rapidamente. Mas como todos os tigres têm a pele meio frouxa, é muito difícil ver se ele está esticando os músculos para o salto: antes que você saiba, ele está em cima. O tigre não erra, porque ele pode sair fora da linha do salto dele: mesmo estando com as quatro pernas no ar, ele muda a direção e vai atrás da presa e vai pegar de qualquer jeito. Esse, quando salta, nunca erra.

Já o leão é mais como um cachorro: faz muito barulho, fica com as quatro patas no chão, abaixa um pouco o peito, mostra os dentes, faz cara feia, rosna – quase como cachorro – e assim não ataca. Ele vem ao ataque batendo sempre com os braços, procurando sempre pegar uma perna com o braço dele e enfiar logo na boca, indo por cima da presa. Quando a presa está no chão, ele a aperta com todo o peso do corpo; depois começa a morder e estraçalhar. Esse é o comportamento típico do leão.

O urso, quando está em pé em duas patas, não pode atacar, porque tem as pernas traseiras meio curvas e curtas; é muito difícil para ele equilibrar o corpo em pé, de forma que ele não se atreve a atacar em pé. Quando quer atacar, ele baixa as quatro pernas, estica o focinho bem à frente, faz uma batida de dente como faz o porco-do-mato e, na mesma hora, abre as narinas – a respiração dele sai – e vem correndo com o focinho bem baixo, para derrubar a pessoa em baixo, contra as pernas. Imediatamente ele usa as patas dianteiras para segurar a pessoa, e fica em cima dela com todo o seu peso. A mordida também é muito perigosa, porque os dentes são fortes e grandes e os dentes molares são que nem tesouras, encaixam certinho um no outro. Eles cortam uma corda com uma única mordida. Além disso, as presas são quase do tamanho das presas do leão – não tanto, mas quase. Elas chegam a ser do tamanho de uma presa de uma onça, ou de um jaguar, de três a cinco centímetros.

ANGELA – Quer dizer que, apesar de todo treinamento e condicionamento, os animais mantêm a ferocidade e é realmente perigoso trabalhar com eles?

LAYSSON – Nós temos sempre que falar em condicionamento quando falamos em treinamento de animais. O nome “domador”, para mim, é erradíssimo, porque ninguém doma ninguém. Nós não tiramos o instinto de milhões de anos do animal e jamais domamos ele, de tal forma que eu fico sempre por cima e ele tem medo de mim: “Pode bater, pode fazer o que quiser, não adianta, porque quem está ruim está ruim para



o resto da vida”. Isso não existe, domador não existe. Existe, sim, o amestrador: eu uso esta palavra quando se trata de cavalos. Existe amestramento, que sempre é – seja com cavalos, elefantes ou feras – um simples condicionamento. De tal forma eu condiciono um animal que eu também estou condicionado. Por quê? Se eu quero que esse animal vá sempre da esquerda para a direita, eu tenho que dar sempre o mesmo comando de mão, de voz ou de chicote para que esse animal saiba o que eu estou querendo. Se meu corpo vai um pouco para frente e depois vira os ombros para a direita e levanta o braço esquerdo com chicote ou com um pedaço de pau, ele sabe que deve ir para a direita. No momento em que eu desviro o corpo e boto aquele pau na frente dele, ele sabe que é para parar. E assim por diante: é um condicionamento. Se eu não faço os meus sinais certos, o animal não pode fazer os dele. Ele fica no limbo: não sabe o que vai fazer, o que vai acontecer. A maioria das pessoas que não sabe treinar, mas trabalha com animais treinados por grandes domadores, bate num animal dizendo: “Ah, seu sem-vergonha, você está treinado e não quer trabalhar, então apanha”. Erradíssimo. O animal não recebeu o sinal certo, portanto não pode reagir. Ele só reage quando recebe o sinal exato.

ANGELA – Existe um código universal de sinais para o trabalho com cada animal ou cada amestrador estabelece o seu?

LAYSSON – Cada amestrador tem o seu, mas uma vez, quando era difícil arranjar bons domadores, nós fizemos um complô na Europa entre domadores. Nós éramos seis domadores de toda espécie de animal e fizemos então, entre nós, uma espécie de código, de forma que só nós podíamos ser chamados para treinar animais de qualquer circo e quem vinha de fora não podia trabalhar com animais treinados por nós. Isso funcionou talvez em 60, 70% no máximo, mas de uma forma que muita gente esqueceu do que era ser domador quando se tratava de números feitos por nós seis.

Nós usamos então a mesma linguagem, que é: falar em alemão com leões, tigres e ursos; com cavalos, francês; elefantes, inglês. O inglês com os elefantes não porque os ingleses eram os melhores treinadores, não. O elefante vem da Índia, onde havia a British Indian Wood Company. Eles trabalhavam com mais de três mil elefantes lá e estabeleceu-se então, entre os indianos tratadores de elefantes e os ingleses mesmo, uma gíria que quase não se reconhece mais como inglês. Exemplo: “Pile up”, em inglês, quer dizer “faz uma pilha, um por cima do outro, faz um pile”. “Pile up” é a palavra em inglês que nós usamos com os elefantes para montar uma pirâmide. O indiano, pronunciando este inglês erradamente – talvez por não escutar bem a língua lá na

Índia, ou por dificuldade da pronúncia –, ele diz “pila”. Então nós usamos o tal de “pila” para fazer uma pirâmide. E dali em diante nós passamos a usar com elefantes esse tipo de gíria entre o indiano e o inglês. Quer dizer, elefante treinado por nós não reagia se outra pessoa quisesse levá-lo. Isso era uma espécie de seguro de vida para nós domadores, que queríamos segurar esta arte só entre nós.

ANGELA – Por que o francês com os cavalos?

LAYSSON – Francês com os cavalos porque o Astley formou o circo na França. É de lá que vêm os Layssons, é de lá que vêm depois outras pessoas – os palhaços e os malabaristas começaram lá – e ele usava na França... francês. Depois, a cavalaria francesa era a maior e melhor que existia na Europa. Então nós usamos em circo todos os comandos da cavalaria.

ANGELA – E por que a escolha do alemão com as feras? Houve algum motivo especial ou já era uma tradição?

LAYSSON – Era uma tradição, porque os primeiros números de feras foram apresentados na Alemanha. Antes do circo, existia na Alemanha a Menageria Viajante. Nos grandes portos de Hamburg, Bremen, Lübeck e Köln, os marinheiros traziam animais de fora. Hagenbeck, que era um grande negociador de animais em Hamburg, tinha um jardim zoológico enorme, inicialmente com animais trazidos por marinheiros. Mais tarde o próprio Hagenbeck foi para a África caçar animais; lá foram treinados os primeiros animais, tanto no Hagenbeck como no Sells Floto Circus. Ainda não havia aquela jaula grande, redonda: o domador entrava dentro da carreta e mandava o animal sentar ou ficar em pé lá dentro mesmo. Depois então se fez a jaula maior e truques melhores, especialmente aquele tal de saltar por um arco de fogo – que já existe há uns 150 anos, por aí, é coisa antiga.

ANGELA – Quer dizer que nem sempre a pessoa que apresenta o número foi a que treinou os animais.

LAYSSON – Não.

ANGELA – Isso não dá problema para o domador?

LAYSSON – Dá problema para o domador se ele não for indicado pelo próprio treinador. Aqui, na Escola de Circo, os animais foram treinados por mim no princípio, só mais tarde eu tive um aluno. Primeiro eu ensinei a ele com aquele animal que eu já treinei; então ele sabe exatamente como se aproximar do animal, como dar os sinais, quais são os sinais que eu usei. Mais tarde eu mandei ele aperfeiçoar mais uma coisa ou outra; uma novidade, que ele mesmo vai treinar, para não ser somente uma pessoa que pode mostrar um número feito, mas para ser um treinador mesmo. Tudo isso ele aprendeu: os meus comandos e os meus sinais de chico-



te. De forma que ele pode bem usar os meus comandos no futuro e ser mais ou menos uma cópia xerox minha. No entanto, deixei ele treinar truques dele que eu achei bonitos, falando: “Que é que você acha, fazer isso ou aquilo, você gostaria? Tem coragem de fazer isso? É preciso muita paciência, então vamos lá”. E ele conseguiu, realmente; de forma que em pouco tempo ele vai ser, pelo menos com esses animais, tão bom quanto eu. Para enfrentar leões novos, que ele não conheça, aí ele vai ter que aprender ainda muita coisa. Isso eu não posso ensinar aqui na Escola, só seria possível se eu trocasse os meus animais por novos. Mas eu não posso trocar toda hora os meus animais por outros, porque ficaria muito caro, eu não iria conseguir sustentar isso só para ensinar um aluno. Agora, leão ele já aprendeu, porque eu já troquei duas vezes de leão. Ele já aprendeu a entrar de cara com leão macho. Eu mostrei primeiro como se testa um animal estranho e ele conseguiu então fazer.

ANGELA – Os leões machos são mais ferozes que as leas?

LAYSSON – Não, não são mais ferozes. A leoa é até mais rápida nos ataques, mas o leão é muito pesado quando ataca. Quando vem, ele não pára; vai que nem um touro, em linha reta, até atingir o objetivo.

ANGELA – O que é que faz um animal que já está treinado resolver atacar? O que incomoda um animal ao ponto dele querer atacar?

LAYSSON – Pode ser qualquer coisa: uma camisa de seda, um holofote em cima da camisa. Na hora em que eu me movimento, essa minha camisa de seda brilha: num momento brilha a manga, no outro não brilha mais porque eu baixei o braço; em seguida brilha o peito porque eu virei mais em cima do refletor. Esse jogo de luz está sendo observado pelo animal, que de repente resolve querer testar esta claridade que vem do meu corpo. Nesse instante a leoa age como uma criança pequena, que bota tudo na boca para saber se é duro, se é mole, se é comestível, se tem gosto ou não. Então ela primeiro vai dar um tapa naquela claridade e depois uma mordida em cima para ver o que é aquilo. Só por isso ela pode atacar. Pode atacar também porque se assustou com um movimento brusco fora do seu campo de visão – algo que ela só viu pelo rabo de olho; ou porque sentiu um banco caindo no chão. Pode acontecer também de eu estar dando uma marcha à ré bem em frente ao animal e ele estar vindo, lentamente, na minha direção; se de repente eu caio por cima de uma coisa que está no chão e que eu não vi porque estou observando o animal, ele cai em cima de mim na mesma hora – por susto, por medo, ou por qualquer coisa. Isto aconteceu com dois domadores que eu conheço: eles caíram para trás – tropeçaram em cima de algum material que estava

no chão – e foram atacados imediatamente.

ANGELA – Quer dizer que não é necessariamente um ataque de agressividade, pode ser uma reação a alguma coisa.

LAYSSON – Sim, pode ser uma reação rápida; uma reação, eu acredito, automática, sem pensar, para se defender.

ANGELA – Instintiva.

LAYSSON – Instintiva, é.

ANGELA – Então é imprevisível, pode acontecer a qualquer momento.

LAYSSON – Absolutamente.

ANGELA – E é preciso estar em guarda o tempo inteiro.

LAYSSON – Sempre. No momento em que a pessoa abre a porta de uma jaula com animais e entra lá dentro, ela muda por completo. Toda conversa, todos os pensamentos do lado de fora são apagados naquele momento. O treinador desliga uma chave praticamente de tudo que está lá fora e liga uma outra, que é uma chave de alta tensão, em que todas as antenas estão ligadas para observar os animais e ver o que está acontecendo. Não se pode vacilar nem um minuto.

ANGELA – Quando um animal ataca, qual deve ser a sua reação para não piorar aquele ataque, já que não é possível correr?

LAYSSON – Depende muito do ataque, do momento, da formação do quadro em si. Se o animal está muito perto, se está mais afastado, se vem pela lateral, se vem pelas costas: tudo isso tem que ser observado. Em princípio, nunca compre briga com o animal, de maneira nenhuma, porque você vai perder. Isto não tem dúvida: a gente perde qualquer briga contra eles. Então sai fora da briga, se é possível. Sai fora, se defendendo, mas não agressivamente: saindo fora na defesa. (...)

ANGELA – O tipo de reação que o domador deve ter com o ataque depende de cada circunstância; mas não há nada...

LAYSSON – Depende realmente de cada circunstância de ataque. Mas jamais, jamais foge virando as costas, jamais sobe nas grades, porque ele sobe atrás com as patas dianteiras e com a boca arranca a gente lá de cima mesmo. Jamais foge. Procura fazer como uma tourada, deixa ele passar. Se ele está em alta velocidade e vem em cima da gente, dá um passo lateral para ele passar, já procurando uma posição melhor, atrás de um banco qualquer. Derruba esse banco na próxima passagem dele, e muda imediatamente de lugar, procurando aumentar a distância entre você e ele. Maior distância e outro lugar, para o animal se acalmar e parar de atacar. Devagar e sempre, ficando ele para lá e eu para cá. A essa altura é melhor parar o treino por esse dia, porque



senão pode haver uma repetição do ataque. É melhor parar o treino e começar tudo de novo no próximo dia, já sabendo qual foi o motivo pelo qual o animal atacou. Se eu estava numa posição muito ameaçadora, não vou usar essa posição no próximo dia, para não dar chance a ele de se enfezar novamente com a mesma coisa.

ANGELA – Quer dizer que os ataques podem ser freqüentes durante o treinamento?

LAYSSON – Podem ser. Mas se no próximo dia eu cometo o mesmo erro, já estou condicionando o animal àquele ataque. Do terceiro dia em diante não entra mais na jaula, porque ele já está esperando, já está sabendo que vai haver aquele tal de ataque que ele fez já três vezes. O animal já está treinado, já sabe. Por isso é que eu disse para interromper o treinamento naquele dia: vai lá fora, fuma um cachimbo, deixa os animais em paz, dá um banho neles. No dia seguinte, faz tudo de novo, dessa vez tomando mais cuidado para não enfezar o animal a tal ponto que ele ataque novamente.

ANGELA – Acontecem ataques que podem matar o domador?

LAYSSON – Acontecem, sim. Mas, como eu disse, não por causa de uma briga preconcebida pelo animal. Geralmente por causa de um movimento brusco do domador, ou um banco que cai quando o animal sobe em cima. Isto acontece. Ou o domador cai dentro da jaula e o animal vai em cima, aproveitando esta oportunidade para ver quem é mesmo um pouco mais duro, né? Esses acontecimentos são mais freqüentes do que os ataques propriamente ditos. Mas se a gente, por ventura, erra uma chicotada e pega ele num lugar muito sensível – como o focinho –, aí ele se enfeza: “Ah! Essa não!” Ele vai reclamar e nessa reclamação ele vem para tirar satisfação mesmo. É preciso evitar essas coisas; por isso eu dou aulas e aulas e aulas só de chicote antes de botar um aluno perto de um animal. Ele tem que saber absolutamente onde vai e onde não vai um chicote; ele tem que ter certeza de onde está o estalo do chicote.

ANGELA – Já aconteceu de você ter sido ferido gravemente por algum animal?

LAYSSON – Não, eu só tenho um único ataque de leão, e foi culpa minha. Quando a gente é jovem, quer ser o tal e não admite que alguém não acredite que nós somos os melhores do mundo. Então, quando cheguei aqui no Brasil, no Circo Garcia, cheguei com cinco leões. O Garcia tinha comprado uma leoa, mas como ele não sabia nada sobre animais, comprou uma leoa que não servia para treinamento. Existe um animal em mil, talvez, que não pode ser treinado. Pois essa leoa do Garcia era um deles: completamente louca! Supernervosa, mas supernervosa! Dois anos de idade, sempre vivendo sozinha, sem companhia de outros leões. Um raio de

luz ela atacava: onde batia a luz, ela abria o chão, mordendo a terra. Completamente louca. Então eu escutei alguém falar nas minhas costas: “Grande Laysson... Maior domador. Só que dessa leoa ele tem medo. Ele trabalha com os animais dele, que são mansos, mas dessa leoa ele tem medo”. Jovem como eu era, e querendo me afirmar também no Brasil – eu era novo aqui, ninguém me conhecia como na Europa; lá eu tinha nome, mas aqui não –, eu pensei: “Vou mostrar para eles que eu não tenho medo”. Avisei todo mundo: “Amanhã vai haver treinamento desta leoa”. Fui ao Sr. Garcia e disse: “Garcia, quanto custou esta leoa?” “Treze cruzeiros”. “Aqui tem treze cruzeiros. Caso eu mate a sua leoa, ela está paga, certo? Ou ela vai trabalhar ou eu mato ela, porque ela é agressiva e muito perigosa. Se ela me atacar, infelizmente vou ter que dar um tiro”. Entrei de revólver no picadeiro, um revólver todo especial: o cabo é de chumbo fundido, para ser mais pesado; o cano é longo, de sete polegadas; o calibre é 38, carga dupla especial, atravessa a cabeça de um leão de uma vez. Deixei também uma caixa de festim – que nós geralmente usamos para assustar o animal – do lado de fora da jaula, caso eu precisasse. Coloquei os meus cinco leões em fila deitados no chão, abri a porta e deixei entrar a leoa. Ela foi direto para o meio dos meus leões: como eles estavam deitados, automaticamente ela se deitou também e se sentiu feliz. Eu entrei e ajoelhei na frente de todos. Peguei a ponta do meu chicote bem comprido e alisei a leoa entre as orelhas, explicando para ela: “Não é bom ficar junto com colegas? Eu não quero nada; não sou mau, não – não está vendo? Está sentindo o carinho que faço na sua cabeça? Está vendo como eu sou bonzinho? Está vendo como é bom você ter colegas? Você não precisa trabalhar, nem fazer grandes coisas, não. Só tem que entrar com os outros, para o público é bom ter seis leões juntos”. Eu me dediquei tanto a essa leoa, houve uma troca tão intensa entre nós dois – parecia uma corrente elétrica –, que uma outra leoa que eu tinha sentiu isso.

Essa outra leoa era minha amiga até debaixo d’água. Ela era tão louquinha, que quando estava no cio pensava que eu também era macho e se aproveitava. Ela se roçava nas minhas pernas; fazia aquele charminho com o focinho, se jogava na minha frente pensando que eu também era leão. Só que ela sempre levava um tapinha no bumbum, e eu dizia: “Vai embora, sua sem-vergonha”. Então, esta leoa achou ruim que eu estivesse me dedicando tão profundamente à outra. Levantou de repente e me atacou com as unhas de fora, de boca aberta, batendo contra as minhas pernas. Eu estava ajoelhado e tive que dar um salto rápido para trás para não ser atingido pelas unhas. Essa mudança brusca de posi-



ção, num salto só, foi suficiente para a leoa do Garcia, nervosa, saltar em cima de mim. Ela saltou e ficou em pé, me batendo com uma pata nas costas e outra no peito. Uma pancada rápida, com quatro batidas assim: um-dois, um-dois. Eu não podia cair no chão, porque só balançava para frente e para trás, levando esses socos pesados. Depois de quatro patadas, ela cravou as unhas no meu corpo, me puxando contra ela, virando a cabeça, visando o meu pescoço. Quando eu vi que a cabeça se virava e a boca se abria, eu sabia que ela não ia fechar a boca antes de ter alguma coisa dentro: então coloquei meu cotovelo na boca da leoa. Na mesma hora puxei da arma, mas não podia atirar porque do lado de fora estava todo o pessoal do circo, e se eu desse um tiro ia ferir alguém. Então virei o revólver na mão (por isto o cabo de chumbo maciço) e dei uma marretada na cabeça da leoa, que ficou nocauteada por alguns segundos. Quando ela caiu no chão, eu senti aquele alívio, mas ficou tudo preto na minha frente e eu caí também. Aí a sem-vergonha da minha leoa veio com as quatro patas por cima de mim, sem me pisar, lambendo o sangue do meu peito, me ajudando. Isto é perigoso, porque ela podia me tratar como filhote. Se ela me lambe, especialmente a cabeça e o peito, é porque sou filhote dela: os leões carregam os filhotes pegando a pele do pescoço na boca. Por isso eu tinha medo de ser carregado por ela. De forma que eu escorreguei embaixo dela, devargar que nem uma cobra, me orientando pela costura da lona em cima de mim, em direção à minha porta. Enquanto isso, falava alemão com a leoa e em português com os rapazes do lado de fora, no mesmo tom de voz: “Favor apanhar meu revólver; descarrega; carrega com festim; quando estiver carregado me avisa; quanto falta para eu chegar na porta? Quando faltar meio metro me avisa, eu vou parar”. E outra vez falando com a leoa em alemão: “Você é boazinha, você é minha única”, e não sei mais o quê. Daí eu escutei alguém falar: “Está pronto o revólver”. “Então dá um leque de seis tiros, rápido, a um metro de distância por cima de mim”. E quando soaram os tiros eu virei uma cambotinha para trás e caí fora da porta. Não era sem tempo, porque se a jaula fechasse de dentro para fora (como todas as minhas que fecham assim), eu teria logo quatro leões fechando a porta com as patas, porque eles só estavam esperando para me pegar. Não me pegaram porque a leoa estava por cima de mim e eles a respeitavam muito: já que era minha amiga, ela era chefe da manada.

ANGELA – É preciso ter muito sangue-frio, o tempo inteiro!

LAYSSON – Absolutamente. Para ficar inteiro. Eu sempre digo, um bom domador é um bom motorista. Se eu entrar num táxi e o motorista me contar que ele

já teve 30 batidas, ele não é bom motorista; se eu entro num táxi e ele me diz que dirige há 30 anos e nunca teve uma batida, é porque o homem é bom. Há palavras que eu tirei de um colega, Orlando Orfei; Orlando Orfei sempre fala, estufando o peito, que foi atacado 32 vezes por leões. Ele mesmo reconhece, então, que não é bom domador. Ele é muito peitudo, faz coisas que não deve só para agradar o público ou por excitação dele mesmo, porque gosta de se mostrar; ele dá muita sopa para o leão atacar. Agora, ele mesmo diz: “Não, eu não sou bom domador; só mostro o número para o público, domar eu nem sei. Isso são pessoas como você e outros que fazem”. Quer dizer, 60 anos dentro de uma jaula e um único arranhãozinho... Eu não sei, deixo para os outros distinguir quem é ou não bom domador.

ANGELA – Aproveitando esse caso, uma pergunta: o que é que faz com que um animal possa ser treinado? Como é que você distingue um animal que não pode ser treinado?

LAYSSON – Por isso que eu estudei. A minha pós-graduação é justamente isso: Psicologia Animal. A gente testa um animal primeiro. Esse teste leva até três, quatro dias às vezes; depois eu escrevo meu laudo de três páginas e cobro bem caro e a pessoa pode comprar um animal. Custa milhões, porque este animal está testado por mim e está no laudo o que é, o que não é, qual o caráter do animal, o que pode fazer com ele, o que não pode. (...)

ANGELA – Cada animal é como se fosse uma especialidade da profissão? Você pode ser um excelente domador de tigres e não ser tão bom com leões, por exemplo?

LAYSSON – Exatamente. Talvez nem entenda nada de leões. Isso pode acontecer, é possível. (...)

ANGELA – Tem algum animal com o qual você prefira trabalhar?

LAYSSON – A minha especialidade é elefante. Gosto muito de trabalhar com elefantes. Em segundo plano, cavalos, especialmente montar a cavalo. Cavalo de alta escola, como se chama, alta escola espanhola, em que o cavalo desenvolve diversos passos e o público quase não vê nenhum auxílio da mão e da rédea. Um cavaleiro que não demonstra nada para o público e o animal trabalha diversos passos é um bom montador. Essa também é uma especialidade que eu gosto muito de fazer, uma das minhas preferências. Alta escola, cavalos, elefantes. Feras só estou fazendo por necessidade, porque lá em casa era eu e eu tinha que fazer tudo: palhaço musical eu tinha que fazer, até no trapézio eu tinha que subir. Então aprendi de tudo. (...)

ANGELA – A manutenção dos animais é muito cara? E fica a cargo de quem, do dono?



LAYSSON – Do dono do animal.

ANGELA – Sempre?

LAYSSON – Sempre. Sempre é o dono quem tem que alimentar. Agora, se um circo me contrata com meus animais, como domador – vamos supor, o circo aqui da Praça Onze quer meu número –, eu quero no contrato xis de dinheiro por dia e a alimentação dos animais: aí o dono do circo tem que pagar. Por isso muito dono de circo diz: “Por que que eu vou contratar esse cara, que custa mais dinheiro que um domador que eu arranjo aqui para treinar meus animais? Ainda tenho que pagar comida e um dia ele vai embora e leva os animais. Eu compro, mando um bom domador ensinar e tenho os meus animais ensinados. Não preciso mais contratar ninguém”. Especialmente domadores, que não são fáceis, têm uma cabeça meio doida: quando são de animais de jaula, geralmente são brigões; quando são de cavalos, são meio sofisticados, querem ser os tais – um problema. Um domador é sempre um problema. Depois, quem faz a limpeza? Obrigação do domador pagar um empregado para fazer isso. Ao empregado não se paga muita coisa: então, ele não tem como se vestir, dorme em cima da jaula e fica bêbado – bebe o dia inteiro porque ganha pouco dinheiro. E como ele não ganha nada, a gente dá uma camisa ou uma calça velha para ele poder se vestir, dá comida: e é a tal coisa, deu uma vez tem que dar sempre. É uma dificuldade.

ANGELA – Quais são as características necessárias para ser um domador?

LAYSSON – Em primeiro lugar, ter conhecimento profundo dos animais que se quer enfrentar. Conhecimento tão profundo que, se vir aquela pupila do tigre abrir e fechar, saber o que vai acontecer; se vir aquele peito do leão abaixar, saber que isto é ataque. Reconhecer os primeiros sinais e saber desviar. Isto é a primeira coisa. Depois, é preciso ter muito amor aos animais, não deixá-los sujos, sem água, no sol ardente; sem uma sombra. Isto tem que ser automático na pessoa: se ele tiver que ser mandado para fazer isso, não serve para domador. Ele mesmo tem que ver se o animal está com sede, e dar água para ele; tem que pensar, antes de se sentar para tomar chope: “Como eu tomo meu chope agora, neste calor, será que meu animal não sente calor? Ele tem água? Tem. Então, eu posso tomar meu chope também”.

Depois, ele tem que ter o caráter formado: não pode se enfezar por qualquer coisa, ficar nervoso, querendo brigar. Se o animal não entende o que você quer da primeira vez, não pode bater nele logo, descarregando seu ódio, sua raiva – às vezes levando para dentro da jaula o ódio de uma outra pessoa que brigou com você lá fora. Não pode. Como eu já disse, desliga tudo de fora e liga

as antenas lá dentro. Tudo isso tem que ter para ser um domador.

ANGELA – Então, uma incrível capacidade de concentração é fundamental.

LAYSSON – Absolutamente. Sangue-frio: isso também vem com o tempo; e se não vem, os animais vão te machucar até que você aprenda. Então, é melhor ter isso antes e pensar muito nas coisas. Se você é dono de animais, vai ser escravo deles. Eu não tenho sábado nem domingo. De manhã já estou aqui lavando minha jaula, dando comida: domingo é leite com ovo cru, durante a semana é carne. Estou sempre vendo as fezes e a urina deles, para ver se têm vermes ou qualquer coisa, como diarreia. Tudo isso observo sempre. Não tem sábado ou domingo que eu me sente em casa e diga: “Hoje não vou ver meus animais” – é minha família que eu tenho que ver. Férias, não tenho. Quando a Escola entra em férias, eu continuo a vir para cá diariamente, de preferência no mesmo horário, não só porque eu estou acostumado com este mesmo trânsito, como porque os animais estão acostumados a me ver naquele horário e já estão me esperando. Então, eu venho para tratar deles, e os solto para eles terem recreio e poderem andar, para não ficarem presos dentro daquela jaulinha. Tudo isto sempre, sempre tem que fazer. Não posso dizer: “Hoje não vem comida, só vem depois de amanhã”. O que é que eu vou fazer estes dois dias? Eles vão ficar sem comer? Não. Vou ao supermercado; compro mais caro, mas compro, porque eles estão querendo comer também, igual a nós. Muitos circos dão comida dia sim, dia não. Ora, isso influi muito no metabolismo do animal. Não pode. O animal tem que comer todo dia, como nós: a pessoa não vai comer dia sim, dia não, só porque quer ganhar dinheiro, para botar na poupança. Não dá. Eu dou comida aos animais todo dia.

ANGELA – Eles comem uma vez por dia?

LAYSSON – Uma vez por dia, quatro quilos cada um. O leão às vezes um pouco mais, porque o cara aí já é muito maior, tem uma boca muito maior e eu tenho muita pena porque ele tinha uma vida muito ruim antes de chegar na minha mão. Então trato dele um pouco melhor.

ANGELA – Eles só comem carne?

LAYSSON – Carne ou frango. Na maioria das vezes frango, porque ainda é um pouco mais barato do que a carne. Mas carne de segunda, coração de boi, isso é praxe. Aos sábados, geralmente, chego aqui com 20, 30 quilos de carne de segunda, coloco em cima da minha mesa e corto em pedaços. Não quero que o pessoal veja o que eu estou dando para os animais, porque já escutei gente dizendo que precisava disso em casa e não tem. “Isso dava um bom churrasco”, diz alguém; então,



escondo ao máximo para não afrontar ninguém, porque tem gente que não pode comer carne todo dia. A meta-de vai num dia e o resto vai para o freezer que eu tenho aqui. Dou isso de uma forma que ninguém nota, não faço propaganda. (...)

ANGELA – Qual é a idade média de um leão?

LAYSSON – 25, mais ou menos; 20, 25 anos. O meu já tem oito. Mas, como eu disse, ele passou uma vida bastante apertada, comendo pé de galinha. Eu vi isso, já conhecia o leão antes de comprá-lo. Eu só o comprei porque o que eu tinha faleceu, então eu precisava botar outro no lugar. Ele chegou justamente na época em que meu aluno já estava quase no ponto de aprender a domar, então isto caiu bem para mim. Eu mostrei o leão novo para o aluno e disse: “Aí, nunca entrou numa jaula! Agora é com você, vai treiná-lo”. A leoa tem 5 anos e a tigreza, 4 e meio.

ANGELA – E o tigre alcança a mesma idade de um leão? Qual a idade média de um tigre?

LAYSSON – A tigreza tem 4 e meio. O tigre vai mais longe porque come peixe também; ele faz uma alimentação diferente porque ele vem da Ásia, do sul da Ásia. Talvez isso faça com que ele viva mais: eu conheço tigres com 30, 32 anos. Esse também é outra coisa... Minha mulher vai de noite na Praça XV, que é mais barato para comprar peixe para o tigre. Ela gosta tanto dos animais que vem com duas bolsas carregando peixe. (...)

ANGELA – Durante a nossa conversa, você comentou e falou muito em psicologia. Este é um fator muito importante do conhecimento que você vai utilizar no circo, não só com os animais como com as pessoas, não é?

LAYSSON – Bom, eu já dei várias palestras (na Faculdade Santa Úrsula, aqui no Rio, por exemplo) sobre psicologia animal em comparação com a psicologia humana e não vi grande diferença – desde que a gente deixe bem separado o animal de quatro patas e o outro de duas. Deixando isso bem separado, não há diferença. Separado por quê? O ponto de vista de um animal é diferente do nosso em várias coisas; mas a razão dele é a mesma, vista pelos olhos dele, e a nossa razão pode ser completamente diferente porque é vista pelos nossos olhos. Existe simplesmente esta diferença, mas o resto é igual. Eu vejo um animal cansado, um animal que não está desenvolvendo o que podia no treinamento; eu me pergunto: “por quê?” Bom, está faltando a vitamina B, talvez; está faltando a vitamina A para este leão não ficar careca. É mais difícil ainda num animal porque o animal não fala, não se queixa de dores, não fala que está cansado, que está com os músculos doloridos: isto a gente tem que ver. É muito mais fácil lidar com pesso-

as, porque elas se expressam direito: “Olha, hoje estou muito cansado, não dormi bem”; então a gente leva um treinamento mais leve naquele dia e deixa o aluno mais descansado, para não sobrecarregar, não forçar demais. Isso faz parte da nossa vida aqui dentro, de ser professor e manter os alunos.

ANGELA – Os animais sofrem também desses sentimentos comuns aos homens? Por exemplo, saudade; ou ficar abatido pela falta de um companheiro...

LAYSSON – Eles sofrem de tudo isso, igual às pessoas. Eles também sofrem de stress, de falta de companhia, de falta de amor – tanto do domador como entre si. Eles também têm a bronca entre si. Por exemplo, a minha tigreza não se dava com a minha leoa de jeito nenhum – as duas brigavam, não queriam ver uma à outra. Isso tem que superar, então eu cheguei até um ponto agora que as duas deitam lado a lado e ficam quietinhas deitadas. Inicialmente, naturalmente, a contragosto delas, mas depois elas viram que não era nada disso, eram preconceitos simplesmente porque uma tem a pele listrada e a outra tem a pele lisa. Esse preconceito existe aqui também; isso acontece tanto entre animais quanto entre as pessoas, é sempre a mesma coisa.

ANGELA – Você tinha comentado sobre alguns animais que têm a consciência de que são artistas, e por isto enfeitam mais o espetáculo. Fala um pouquinho sobre isso...

LAYSSON – Vamos fazer uma comparação: isso existe tanto nos animais quanto nas pessoas, como nos nossos alunos. Os animais às vezes têm uma coisa que vem da natureza deles. Por exemplo, um é mais espertinho do que o outro. Então, um gosta de dar um grito de repente, quando finalmente realizou o seu truque – que é subir num banquinho e ficar com as duas patas dianteiras levantadas para ficar bem reto, de cabeça esticada para cima e tal. Pois eu tinha um tigre que gostava de fazer isso; depois de fazer o número, ele dava um grito que assustava a platéia. Nós temos isso entre as pessoas. Nós, professores, vemos logo uma coisa dessas e aproveitamos para firmar essa característica para sempre: quando esse animal dá aquele grito, ele é recompensado. (...)

ANGELA – Eu li uma entrevista em que você dizia que alguns animais são absolutamente profissionais, fazem apenas o que têm que fazer, dão às costas e vão embora, (risos) e tem outros que ficam fazendo graça só para você ver. É interessante pensar num animal com alma de artista, que tem a consciência de que está se exibindo para o público. É uma coisa bastante curiosa.

LAYSSON – Em elefantes é normal, até.

ANGELA – É?



LAYSSON – Tinha dias, por exemplo, em que os elefantes não entravam em cena, não trabalhavam. Uma vez eu estava no Paraná com o Circo Garcia; era época de Páscoa e nós fizemos a Paixão de Cristo, uma peça teatral feita dentro do picadeiro de circo. Não entrava leão, cavalo, não entrava animal nenhum e os elefantes ficaram do lado de fora. Na hora em que começou a música, os elefantes ficaram nervosos: eles queriam entrar, era a hora deles, que me procuraram pelo terreno. Quando me viram andando, eles já estavam gritando: “Como é, vai tirar a gente daqui?”. Naturalmente tem que entender o idioma para saber o que é que eles estão dizendo (risos), mas isso acontece, sim. Eles querem trabalhar, eles gostam. Na hora de treinar animais, eu sempre faço isso: no início levo eles na brincadeira, fazendo coisas que normalmente eles iriam fazer em liberdade. O elefante fica em pé em liberdade, porque gosta de pegar as folhas mais novas de uma árvore, que estão nas pontas dos galhos, lá em cima. Portanto, se eu exijo dele ficar nas duas patas, não faço nada de extraordinário; apenas ele está fazendo sob meu comando uma coisa que faria naturalmente. Essas coisas nós aproveitamos. Fazer coisas que naturalmente eles não iriam fazer de jeito nenhum vai ser muito difícil, o animal não vai gostar de ser treinado por isso. Então eu levo na brincadeira. Eles gostam de brincar comigo. No dia seguinte, quando eu abro a porta da jaula, eles saem que nem umas balas para entrar naquelas jaulas grandes, porque vai começar nossa brincadeira de novo. Sempre recompensados, eles gostam. Eles criam amizade, mas não há falta de respeito, porque eu tenho meu chicote que de vez em quando dá um estalozinho que chama eles à razão. Não pode fazer mais do que a brincadeira que o chicote permite, tem certos limites. Devagar e sempre eles são condicionados a respeitar certos limites e a fazer a brincadeira que eu permito, que, mais cedo ou mais tarde, é o número que eles vão apresentar para o público. (...)

ANGELA – De tudo que você já fez no circo – que foi muita coisa –, de que você mais gosta? O que era mais importante?

LAYSSON – Montar a cavalo, trabalhar na alta escola espanhola; isso é que eu gosto mais do que qualquer outra coisa. Montar a cavalo, um cavalo bom, um andaluz, por exemplo, um bom cavalo mesmo, bem treinado, fazer todos os passos de alta escola sem demonstrar quando eu uso e quando eu não uso a espora,

quando eu puxo e quando eu não puxo uma rédea sem que o público note nada. Um cavalo com os passos elegantes me obriga a ser um cavaleiro elegante também – tem de haver uma unidade entre cavalo e cavaleiro. Aí eu me sinto bem, me sinto superior. Montado num cavalo de alta escola, fazendo esses passos, eu me senti um rei num picadeiro.

ANGELA – Você não sentiu muita falta quando resolveu parar com o circo, quando saiu?

LAYSSON – Não, por causa da vida que eu levei, especialmente nos anos de estudo. Era uma dificuldade estudar: de noite, escrevendo, tinha que ter uma boa letra, senão não era aprovado, o professor nem queria ler o trabalho se a letra não parecia impressa. Isso com uma lamparina de querosene, cansado de fazer quatro ou cinco números num espetáculo só. Eu não queria que meus filhos tivessem esse sacrifício. Além disso, um trailer não tem o mesmo conforto de um apartamento por andar em Ipanema, onde cada um tem seu quarto e tem banheiro que não acaba mais. Eu queria que eles tivessem esta vida comum como qualquer cidadão. Se além do estudo que eu dei para todos os dois, eles resolvessem trabalhar em circo, por que não? Só que eles não querem, sabem que o circo é um sacrifício para qualquer pessoa. Veja o meu caso: seis e meia eu estou aqui todos os dias – sábado, domingo, férias ou não. E lavo a minha jaula, tiro sujeira, vejo os animais, alimento eles; depois dou banho neles, recreio neles uma hora, duas horas do lado de fora, na jaula grande, para eles exercitarem os músculos. Isso tudo é um sacrifício e às vezes eu me pergunto: “Será que compensa?” Quando vejo que uma pessoa sentada num escritório com ar condicionado ganha muito dinheiro e tem a vida mais fácil, acho que talvez seja melhor do que estar em circo. Mas o que está dentro da gente, está dentro, né? Eu nasci em circo, portanto, mesmo com todos os sacrifícios, com tudo isso, eu acho o circo formidável. O aplauso... eu acho que o aplauso compensa mais do que os sacrifícios, do que o pagamento que se recebe. A gente trabalha muito mais pelo aplauso do que pelo pagamento; se ele dá para sobreviver, tudo bem, mas ainda tem o aplauso acima de tudo, que compensa bem. (...)

ANGELA – É isso, Laysson. Mais alguma coisa que eu não tenha perguntado e você ainda queira dizer?

LAYSSON – Não, que eu saiba.

ANGELA – Então... muito obrigada.

